

ISABEL FONSECA

Apego

Tradução

Alexandre Barbosa de Souza



Copyright © 2008 by Isabel Fonseca
Todos os direitos reservados

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

A tradução dos versos de John Milton baseou-se na tradução de António José de Lima Leitão (1787-1856).

Título original
Attachment

Capa
Elisa v. Randow

Imagem de capa
Tormenta (2010), óleo sobre tela de Marina Rheingantz, 180 x 230 cm.
Reprodução de Eduardo Ortega

Preparação
Márcia Copola

Revisão
Ana Luiza Couto
Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fonseca, Isabel
Apego / Isabel Fonseca ; tradução Alexandre Barbosa de Souza. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Attachment.
ISBN 978-85-359-1811-3

1. Ficção norte-americana I. Título.

11-00236

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

SAINT-JACQUES

Um súbito abatimento dos ânimos — tristeza da vida, Aminata chamava assim — se explicava entre os liberianos da ilha como um problema de *moleh* aberta.

“*Moleh*”, ela dizia, pondo xampu frio no topo da cabeça de Jean, “você sabe, a moleira” — o lugar do crânio que ainda não está fechado nas primeiras semanas de vida, de essências suaves pulsando sob uma pele nova e sedosa. Aminata Dia, orgulhosa proprietária do único salão de beleza de Saint-Jacques, fazia círculos lentos no couro cabeludo de Jean. Trabalhava com movimentos expansivos, ombros largos erguidos, e depois recolhidos, cotovelos para baixo, as mãos fortes enfiadas na espuma firme e espessa como claras em neve.

“Problema é quando a *moleh* abre de novo, pessoa adulta, o problema passa direto pela *moleh*. Você fala, conta para Aminata, e a *moleh*, ela fecha de novo.”

Jean fizera uma coluna com essa conversa em sua primeira semana na ilha. Foi mais difícil mandar do que escrever — os cabos telefônicos úmidos chiavam e estalavam, quando tinha linha.

Mas, quando finalmente conseguiu enviar a matéria de um cibercafé na cidade para o editor da revista *Mrs*, todas essas dificuldades só fizeram sua satisfação aumentar. Ela adorava tudo naquela ilha: conexões capengas eram uma libertação do telefone, enquanto o cibercafé, com a areia no chão e o cachorro dormindo na entrada, era um alívio sedutor para sua solidão natural, permitindo que ela estivesse em grupo mas continuasse sozinha.

Trabalhar na ilha era uma brisa; Mark tinha razão nisso. “Uma brisa quente e escaldante”, ele dissera, “com material para a sua coluna caindo que nem cocos das árvores.” Por certo havia muitos no terreno da casa deles na colina, o escritório abandonado de uma velha mina de estanho que dava para a Grand Baie. Mark sempre precisara de um projeto, e foi o que Saint-Jacques se tornou para ele. “De que adianta”, como ele dizia, “ser o dono da própria firma se ela te escraviza?” Ele tinha uma das mais inovadoras agências de publicidade de Londres, e sua necessidade constante de subversão era tão impiedosa que ele chamava a si mesmo de Interpol. A mudança automaticamente levaria a descobertas, ele acreditava, de fato, a toda uma nova esfera de descobertas. Jean também, por sua vez, era relativamente livre: escrevia uma coluna sobre saúde reproduzida em vários veículos da imprensa e, contanto que entregasse suas mil cento e cinquenta palavras uma quarta-feira a cada quinze dias, podia morar até em Marte.

Tanto melhor, contudo, ter aportado na minúscula Saint-Jacques, uma pequena mancha no oceano Índico. Jean gostava muito mais da escala menor: a miniatura de floresta tropical e a vida urbana na isolada Toussaint, o cordão de quase vilarejos conectados por uma única estrada de terra circular, as feiras lotadas, o povo amistoso, tranquilo, os pássaros incólumes, brilhantes e comoventes... Depois de três meses, ela já se deliciava com essas pro-

longadas férias subsidiadas com sol e fartura, tudo sob controle, como um diorama. Até agora.

O lento ventilador de madeira pouco fazia para espantar o calor na sala de espera da clínica de saúde da mulher. Jean olhava para o formulário estranho que lhe deram para preencher; ela achou difícil se concentrar. Pensou sobre a *moleh* aberta e fingiu não estar olhando fixamente para a senhora sentada em frente — corpulenta, grandalhona como Aminata, num vestido tribal. Devia ter uns cinco metros de tecido enrolados na cabeça, pensou Jean, segurando-se para não chegar perto e tocar — sentir a construção de um adorno de cabeça mais para ninho de águia-marinha que para turbante.

Para evitar o alvoroço de seus próprios pensamentos, Jean tentou adivinhar de onde aquela mulher teria vindo — África Ocidental, com certeza, mas Senegal, como Aminata? E não Libéria ou Serra Leoa? Jean estava se tornando uma boa classificadora do povo da ilha — a pequena comunidade de exilados africanos ocidentais, os poucos enclaves espalhados de africanos orientais, indianos do subcontinente, cristãos, muçulmanos e hindus. A maioria se misturava, embora houvesse um grupo segregado de chineses, descendentes de servos, e, no extremo norte da ilha, um povoado de “franceses” — brancos de longínqua ascendência europeia. A própria Jean era de um rosa-bebê-irritado profundo, e não só pelo calor daquele dia em especial; suas bochechas ainda queimavam com o choque da manhã, quando por engano deparara com um conhecimento pesado.

Jean havia encontrado a carta numa nova remessa de correspondências antigas — revistas e convites amassados para coquetéis, eventos de caridade, almoços com clientes, tudo muito velho depois de viajar quase dez mil quilômetros até a casa dos Hubbard.

Todo mês, Christian, o carteiro chapado, subia fazendo barulho pela estrada em sua motoneta pintada à mão de dourado. Trazia o malote atravessado nas costas como as mulheres de Saint-Jacques amarravam seus bebês. O bebê de Christian era seu cabelo: um filão parecido com uma esponja marinha ultracrescida, cuidadosamente enfeixado numa meia colorida.

Ela o vira pela janela da cozinha, onde estava cortando mamão. Limpando as mãos no avental, saiu pela porta da frente e ali ficou, sorriso aberto, mãos na cintura, emoldurada por dois hibiscos cor-de-rosa em plena floração.

“Bonjour, Madame Oobahd”, berrou Christian da entrada dos carros. “Como está a dona da casa neste nosso dia perfeito?”

“Nunca estive melhor”, ela respondeu. Ele foi direto até a porta da frente e sorriu para mostrar o dente de ouro. Jean repassara aquela manhã cem vezes: como Christian se levantara cerimonioso de sua carruagem dourada e se inclinara para ela, cofiando o cavanhaque e apoiado em um braço na parede da casa. Ela sabia que ele não chegaria tão perto se Mark aparecesse na porta ao lado dela — mais de um metro e oitenta descalço e o impressionante cabelo grisalho todo para trás, grama de duna ao vento sobre a praia lisa de seu rosto ainda menino.

Não, Christian não teria demorado, jogando aquele sorriso de sedutor ocupado que ela sem dúvida sabia que ele era. Sem contar o baseado gordo enfiado atrás da orelha; Jean lembrou-se de ter pensado que a camisa justa salvava a aparência de miserável.

A brisa fresca, os hibiscos, o sol aquecendo seus ombros nus; era o Dia da Mentira, e que alucinação gloriosa era aquela, pensou Jean, olhando para Christian — em sua touca de crochê fora de moda —, que retomou aos trancos seu caminho e sumiu. Ela ficou pensando se não seria uma boa ideia fumar maconha e se ele não lhe arrumaria um pouco. Abraçada ao malote, virou-se e entrou.

“Ah. Lixo já embalado no próprio saco”, Mark havia dito, alegre como o vendedor que ele era, tirando o saco plástico das mãos de Jean e levando-o para a varanda dos fundos da casa. Dali se tinha a melhor vista do relevo inclinado e juncado de cocos do comprido jardim — além do portão do muro no limite da propriedade, até a estradinha de terra vermelha, e toda a paisagem dos morros azuis, erguidos a oeste. O mar, que não se via da casa, ficava logo atrás daqueles morros na cerração. A maioria dos estrangeiros vinha a Saint-Jacques em busca das praias de areia branca, mas Jean e Mark concordavam que, quanto mais tempo passavam ali, mais gostavam do interior: verdejante, selvagem, incólume. Agora, todos os olhos se voltavam para o saco plástico, que Mark depositou sobre a mesa como se estivesse servindo um magnífico assado. Ainda de pé, ele o cortou com a faca de serra. Jean espiou a presa, divertindo-se com a performance, e voltou à cozinha para preparar o café.

“O leite azedou!”, ela exclamou pela janela da cozinha. “Chá de limão? Ou café preto?”

“Só café está bom”, respondeu Mark, dando uma grande mordida no pão coberto de geleia de framboesa e começando a folhear as revistas. Ali estava todo o material que não podia ser mandado por e-mail, enviado pela secretária não muito criteriosa de Mark, Noleen, além das correspondências da casa deles na Albert Street. Assim, como o máximo que se encontrava em Saint-Jacques eram velhos exemplares do trimestre passado — não, do ano passado — da *Paris Match*, aquela entrega irradiava a ansiedade festiva de uma *piñata*, e Jean e Mark não eram indiferentes ao seu fascínio.

Esperando o café ficar pronto, Jean observava pela janela enquanto Mark separava as revistas. Ele estava sem óculos, mas ambos sabiam o que iriam encontrar: *Atlantic Monthly* e *New Yorker* (dela), *Spectator* (dele e, as palavras cruzadas, dela), *Private*

Eye (dele), *New Statesman* (dela, por causa dos concursos semanais), e uma pilha de *The Week* (dos dois). Ela sabia que ele iria direto para *The Week* e, em particular, para a previsão do tempo no Reino Unido — torcendo por chuva. “A raison d’être”, ele dissera, “de todo inglês fora da Inglaterra.” Deixando intactos os exemplares de *American Health* e *Modern Maturity*, periódicos geriátricos que ela lia em busca de ideias para suas colunas, ele voltou para dentro da casa em sua caçada diária dos óculos de leitura.

Jean se vestira com cuidado — naquela manhã tinha consulta na clínica da mulher. Mais tarde ela se indagaria sobre o instinto — começar uma crise com o pé direito. O vestido xadrez tipo tirolesa com o cinto brilhante, a camisa sem mangas de colarinho duro. Se a pessoa se deixava levar pela ilha, em pouco tempo estava saindo de casa vestindo a toalha de mesa. Como Mark dizia, o sarongue era o moletom tropical.

“Mmmm. E aonde você vai hoje, Lois Lane?”, ele disse, intrigado, parando diante das portas balcão para deixá-la passar. Jean deslizou atentamente, equilibrando a bandeja do café. Roçando nele ao passar, ela deu uma piscadinha. Ele não tinha feito a barba, ela reparou, e estava com o roupão de algodão azul entreaberto. Um pouco de geleia escura grudada no canto da boca. Ele estava sempre sujo depois do café da manhã, pensou ela com afeto, mas nunca depois do jantar, como se fosse aprendendo a comer ao longo de cada dia.

“Tenho um encontro”, ela respondeu, cara de pau, contente por ele ter se esquecido da mamografia de rotina. Já era ruim o bastante ter os seios espremidos, ninguém precisava imaginar a cena.

Imediatamente se sentiu atraída pelo envelope lacrado com o nome de Mark escrito. Não o abriera sub-repticiamente, ou por engano, ou até mesmo graças a uma peculiar curiosidade pelo conteúdo; era uma simples necessidade de abrir a única carta de

verdade dentro daquele saco. Mas, depois de abri-la, Jean de imediato se pôs em alerta, pois a folha de papel ali dentro não estava endereçada a Mark, ou, de qualquer forma, não ao Mark que ela conhecia. Uma caligrafia sofrível, ela teve tempo de pensar, assim que bateu o olho nos garranchos iletrados em cursivas e maiúsculas inclinadas de canhoto.

Querido Coisinha nº 1,

SAUDAÇÕES AUSTRALIANAS! Já estou com saudade, seu animal sexy. Você parecia mais velho. O rosto mais bronzeado! Mas eu também estou mais velha. Faço 26 esta semana! Mesmo assim, recebo mais propostas do que nunca, se é que isso é possível. Você me achou mais velha e mais inteligente? Perfeitamente madura, pronta para ser comida? Ou só mais velha e MAIS SUJA?

Vou mandar uma lembrancinha para você ficar babando, seu velho incrivelmente imundo, se é que você não está senil demais para abrir o anexo. Mas essas coxas deliciosas são só porque EU 20 VER e então criei uma continha nova para você. (Acho que a do escritório não é uma boa ideia.) Seu endereço do prazer agora é: safadinho1@hotmail.com. Safadinho já existia, claro... mas eu juro que não fui eu que criei! O assunto é 69. Como eu poderia resistir? Seu pantagruélico lindo, lembre-se de lavar as mãos antes de voltar ao trabalho. Ciao bello!

xxx Coisinha nº 2

ps: A senha é B____. Um teste: para ver se você adivinha. É uma planta suculenta cujas sêmen-tes são usadas para comer, lembra?

MM-mmmm.